



AULA 2: INTRODUÇÃO À HISTÓRIA ÁRABE

PALESTRANTE: Prof^a Dra. Arlene Clemesha (USP)

PARTE II: A FORMAÇÃO DE UM MUNDO ÁRABE *

Arlene E. Clemesha

*O texto pode ser reproduzido desde que citada a fonte como: A.E. Clemesha. *A formação de um Mundo Árabe*. Aula II do Curso O Mundo Árabe Contemporâneo. Instituto da Cultura Árabe, www.icarabe.org 22 de agosto de 2007.

Os Árabes:

A designação ao longo dos tempos;

As origens dos árabes (1400 a.C.);

Designadores comuns – nomadismo (cidades e reinos), tribalismo, oralidade e poesia Autoconsciência árabe?

O advento do Islã:

Muhammad e o seu tempo:

-o que se sabe de sua vida;

-o Corão como fonte do pensamento do Profeta;

Verso por verso, a Revelação foi memorizada por Mohammad e alguns de seus seguidores, que também as transcreviam no material que tivessem a sua disposição, pedras, peles, folhas de palmeira, argila, e omoplata de carneiro. Abu Bakr e Omar encarregaram um dos 'secretários' de Medina, Zeid ben Tsabit, de reunir os textos. Mas foi apenas sob Othman (644-656) que se estabeleceu o texto oficial, baseado naquele de Zeid ben Tsabit e revisado por uma comissão – assim nascia o Corão [de um verbo que significa recitar; c/ 114 suratas (capítulos), cada qual com número variado de versetes, lembrando que ordem estabelecida por Zeid é considerada arbitrária e não segue a ordem cronológica da revelação]. Tem-se que as suratas mais antigas, do período de Meca, são as mais curtas. Do período de Medina, resultariam as suratas que contêm prescrições destinadas a organizar a nova ordem instaurada pelo Islã. Pelo registro do Corão, Mohammad não seria apenas o último profeta, mas aquele que vem restabelecer a revelação divina já recebida parcialmente por judeus e cristãos, mas que fora deformada. Mas o dogma islâmico adquiriu originalidade e independência em relação aquelas.

os *hadith* (registros do que fez e disse o Profeta);

a *Sirat al rasoul* (*Vida do Profeta*, a primeira biografia);

A vida de Mohammad tornou-se exemplo para todo muçulmano. Ele mesmo, sempre se apresentou como homem mortal e frágil, como todos os demais, "jamais no papel de taumaturgo ou semi-deus. Ao mesmo tempo, foi um chefe político que legislou, ocupou-se dos interesses materiais de seu povo, dirigiu as campanhas militares, e essa fusão de vida religiosa e política encontramos no Islã". Como foi acontecer essa fusão original? "É que Mohammad viveu e agiu no seio de uma sociedade na qual não havia se desenvolvido um Estado organizado: o cristianismo nasceu no quadro preexistente do Império Romano; Mohammad teve que, ele mesmo, organizar simultaneamente e indissoluvelmente fé e sociedade". A guerra santa, um conceito diferente do conceito cristão de guerra santa, deve ser compreendida ademais dentro das suas devidas proporções. Mohammad colocava os valores espirituais acima da guerra santa, como indica o *hadith* pronunciado no retorno de uma expedição: "Retornamos de pequena guerra santa para fazer a grande guerra santa", o esforço interior de aproximação com Deus.

O islamismo:

Dogma e lei

O Corão define o dogma, mas também os artigos de uma lei (*chari'a* – contrato entre Deus e o crente, cuja obediência garante vida melhor). As obrigações religiosas dos crentes são cinco – os denominados cinco pilares do Islã: a profissão de **fé** (*tachahhod*), a **reza** (*çalat*), cinco vezes ao

dia, o **jejum** (*çauum*) no mês de Ramadam, a **caridade** (*zakat*, purificação) destinando um décimo dos ingressos aos pobres, escravos, ou viajantes, destinada a purificar os bens desse mundo, e peregrinação à Meca (**hajj**) para aqueles em condições de fazê-la.

Organização social

O Corão enfatiza a noção de comunidade (*umma*), proclamando a igualdade absoluta e fraternidade entre os adeptos do Islã. O Corão interdita a prática da usura, e eleva o valor da ajuda mútua, da solidariedade.

A sociedade organizada pelo Corão é uma sociedade na qual não há distinção entre o temporal e o espiritual;

Estado e Fé

“O estado não faz a lei, ele aplica os preceitos corânicos, pois a lei da fé é também a lei da sociedade; inversamente, não existe domínio reservado à religião: o Islã é uma religião sem Igreja”,¹ sem liturgia, nem sacramentos, nem clero.

A expansão do Islã:

- Heranças pré-islâmicas beduínas, bizantinas e persas, incorporadas ao Islã;
Quando e como o islamismo tomou a sua forma definitiva é uma questão em aberto...
- A originalidade do novo mundo.
No entanto, para Albert Hourani, “uma questão mais importante é a da originalidade do Corão. Os estudiosos tentaram situá-lo no contexto de idéias correntes em seu tempo e lugar. Sem dúvida há ecos nele dos ensinamentos de religiões anteriores: idéias judaicas nas doutrinas; alguns reflexos de religiosidade monástica cristã oriental nas meditações sobre os terrores do julgamento e nas descrições de Céu e Inferno (mas poucas referências à doutrina ou liturgia cristãs); histórias bíblicas em formas diferentes das do Velho e Novo Testamento; um eco da idéia maniqueísta da sucessão de revelações feitas a diferentes povos. Há também vestígios de uma tradição indígena: as idéias morais em certos aspectos continuam as predominantes na Arábia, embora em outros rompam com elas...”, o que não tira a originalidade da singular combinação da cultura religiosa existente, de modo que “para os que aceitaram a mensagem, o mundo conhecido foi refeito”.
Havia um universalismo implícito na doutrina e nos atos de Maomé: ele reivindicava autoridade universal, o *haram* que estabelecera não tinha limites naturais; em seus últimos anos, enviaram-se expedições militares contra as terras da fronteira bizantina, e supõe-se que ele tenha mandado emissários aos governantes dos grandes estados, exortando-os a reconhecer sua mensagem”.² Mohammad morreu sem indicar seu sucessor, deixando um vazio de liderança e um problema para os seus seguidores.
- A rapidez da expansão, passo a passo
Mohammad - as terras da *umma* englobavam a **Arábia ocidental até o Golfo de Aqaba** ao norte, além de algumas outras porções da península habitadas por tribos convertidas.
Os califas *rashidun* (“bem guiados”) (de 632 a 660):
Abu-Bakr (632-634) (*khalifat rasul Allah*, “sucessor do mensageiro de Deus”, abreviado para *khalifah*) - o governo de Medina superou a ameaça de revolta tribal e secessão, e iniciou a conquista da **Síria bizantina em 633, e do Iraque persa em 634** (Abu-Bakr realiza a afirmação do Islã perante aqueles que viram na morte do Profeta o fim da comunidade de crentes -*umma*- e de suas obrigações, incluindo o pagamento de tributo a Medina. Acredita-se que por pouco o movimento de secessão e apostasia não arruinou a construção de uma comunidade islâmica operada até aquele momento. Abu-Bakr respondeu afirmando sua autoridade pela ação militar: sucederam-se as guerras da *riddah* (apostasia), que apesar de onerosas, submeteram as tribos uma a uma, e, ao mesmo tempo, deram início à expansão islâmica).
Omar (634-644) - perdoou as tribos e transformou a conquista territorial em uma política sistematicamente perseguida.

¹ Maurice Meuleau e Luce Pietri. *Le Monde et son Histoire*. Paris: Laffont, s.d.p., p. 595.

² Albert Hourani. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 37, 38, 39.

A vitória de Yarmuk,³ em 636, completou a conquista da Síria.

Até 642, Egito e Cyrenaica estariam incorporadas ao califado.

A ocupação da Pérsia, começada em 634, levou a uma conquista rápida da capital Ctesiphon, mas revoltas locais continuaram por mais uma década.

Uthman ibn 'Affan (644-56), toda a **Síria, Iraque, Pérsia, Egito e Cyrenaica** encontravam-se agregadas às terras da *ummah*.

Ali (entre 656 e 660) Lutas internas em torno de disputas de sucessão praticamente pararam a marcha das conquistas.

Disputas foram resolvidas em favor da **família omíada** (660), com capital em Damasco; abre-se uma **nova fase de expansão**, rumo a leste e oeste. No norte da África, a conquista foi paulatina, criando novas cidades a medida em que avançava, como Kairouan ('o campo'), na Tunísia (o norte da África era território a que os bizantinos atribuíam suma importância estratégica pq permitia defender a Sicília e controlar o Mediterrâneo). Em 698, Cartago se rende, os vencedores fundam Tunis para afirmar a nova ordem, e prosseguem, rumo ao oeste, sobre as terras da Argélia ocidental até o Marrocos, percurso ao longo do qual a resistência de tribos berberes independentes (e muitas vezes rivais entre si) não chega a constituir uma ameaça ao avanço. Tendo tomado a costa noroeste facilmente, alistam as tribos berberes na **conquista da Espanha. Iniciada em 711**, em pouco meses a metade da península será conquistada e, sob a liderança de 'Abd al-Rahman, avançariam a partir de 721 sobre os Pirineus -Toulouse, Carassonne, Nimes, Bordeaux, até a derrota de Poitiers, em 732, exatos cem anos após a morte do Profeta.

No outro extremo das fronteiras do califado, no leste, os árabes haviam atingido o **noroeste da Índia**, colocando em contato muçulmanos e hindus pela primeira vez. Na Ásia central, houve um processo de restabelecimento do poder chinês (contra os turcos). Mas em 737-7, os árabes conquistaram a **Transoxiana**, e em 751 uma aliança entre árabes e tribos turcos revoltadas com a execução do rei turco Tachkent por ordem do general chinês Kao Sien-tche, esmagou o exército chinês às margens do Talas. Após essa batalha, "a influência budista nos oásis da Ásia central cedeu lugar ao Islã". Ou seja, da **Espanha ao Turquestão** a conquista uniu as terras em um imenso império. (Bizâncio, entretanto, resistiu a três investidas, até que os califas omíadas desistiram de tomar Constantinopla (após uma derrota naval que arrasou uma frota de mil navios, e durou de 716 a 718).

- Fatores internos e externos

Combinação de diferentes causas, relativas aos vencedores bem como aos vencidos, de ordem econômica, política e social, que devem ser analisadas para que se possa compreender a expansão árabe.

Contestar a visão antiquada (muitas vezes preconceituosa) de um processo de conquistas árabes violentas e movidas pelo fanatismo religioso. Desde o início do século XX (pelo menos desde a década de 1930, quando foram produzidas obras como a Pirenne, ou do hindu Roy) a historiografia contestou semelhante visão. Sabe-se, ademais, que uma parte da expansão e conquista de terras pelos árabes deu-se por um processo de estabelecimento de acordos políticos motivados por interesses locais.

Fatores externos:

Enfraquecimento/esgotamento dos dois grandes Impérios que há séculos disputavam o domínio do crescente fértil: o Império Persa e o Bizantino.

Após longas guerras, o domínio dos bizantinos sobre a Síria fora restaurado em 629, e ainda era ténue.

Os sassânidas, por sua vez, se encontravam num momento de fragilidade política. Estavam enfraquecidos; enfrentavam caos político e lutas pelo poder na capital, Ctesiphon. De 629 a 632 sucederam-se nada menos que oito soberanos.

Problemas sócio-econômicos: Indícios descobertos por arqueólogos mostram que a prosperidade e a força do mundo mediterrâneo se achavam em declínio, devido a **invasões bárbaras**, à **não-manutenção de terraços** e outras obras agrícolas, e ao **encolhimento do**

³ Um dos principais triunfos árabes foi a Batalha do Rio Yarmuk, 636, que deu aos árabes o controle da Síria, quando uma tempestade de areia permitiu que Khalid ibn al-Walid (um dos melhores generais da época) ocultasse os seus homens dos romanos.

mercado urbano. Tanto o Império Bizantino quanto o Sassânida tinham sido enfraquecidos por **epidemias de peste.**

Finalmente, tanto Pirenne (em sua obra, clássica, de 1937) como Hourani, mais recentemente, indicam que o **elemento surpresa foi decisivo:** “O império não considerava mais aquele território como um dos seus pontos fracos”, nem se preocupava em enviar tropas para a região, em número significativo (...) O império persa (...) comportava-se da mesma maneira. Em suma, parecia que não devia haver o que temer da parte dos beduínos, aqueles nômades da península, com um nível de civilização ao estágio tribal e crenças religiosas pouco superiores ao fetichismo, que passavam o tempo a guerrear entre si ou a depredar as caravanas vindas do sul rumo ao norte, do Iêmen em direção à Palestina, Síria e a península do Sinai, passando por Meca e Yathrib”.⁴ Hourani faz a mesma observação, quando diz que, inclusive depois dos inícios do islamismo, depois da morte do Profeta, em 632, “nada podia indicar [aos homens da época, n.a.] o perigo que se manifestaria fulminante dois anos mais tarde (634), e alguns homens da época continuavam a ver o islamismo como nada mais que mais uma espécie de cisma religioso, como tantos”.

Fatores Internos

Os árabes que invadiram os dois impérios não eram uma horda tribal (mas uma força organizada)

Apesar dos exércitos árabes serem menores, eram mais coesos, organizados, e muito velozes quando a cavalo; as forças a camelo, no entanto, teriam sido decisivas para garantir sua vantagem em grandes áreas e nos desertos.

Botins de guerra como fator?

Regiões fronteiriças já **arabizadas** (com população beduína dentro dos exércitos inimigos, às vezes sem pagamento...)

A perseguição religiosa do Império Bizantino tendia a fazer com que **cristãos sírios e egípcios** vissem os árabes mais como **libertadores** do que invasores. Da mesma forma, os **judeus**, numerosos na Síria e Palestina, preferiam a indiferença muçulmana à perseguição bizantina: (nas cidades, onde se fazia sentir fortemente a interferência do governo, o que contava era que houvesse segurança, paz e impostos razoáveis. *No campo, os povos tinham seus próprios chefes, e pouca diferença fazia para eles quem governava as cidades.*) ...mais fácil viver sob um governante imparcial em relação a grupos religiosos cristãos e judeus

- A permanência do Islã
“Mas todas essas razões não são suficientes para explicar um triunfo tão absoluto. A imensidão dos resultados obtidos é proporcional em relação à importância dos conquistadores”.⁵ --
“Enquanto os germânicos não tinham nada a contrapor ao cristianismo do império (romano), os árabes eram portadores de uma nova fé. Foi isso, e apenas isso, que os tornou inassimiláveis” (*Idem*).
Segundo, o caráter não proselitista da religião. A liberdade de escolha religiosa foi essencial para o sucesso do Islã. “Não tinham a intenção de converter os seus súditos. Mas queriam que obedecessem ao Deus único (...) e ao seu profeta Maomé”. “Se Deus assim quisesse”, diz o Corão, “teria feito de todos os homens um só povo”.
Ou seja, o que impressiona não é a rapidez das conquistas (sejam por vitória militar, adesão da população local, ou por acordos, capitulações), mas a própria **criação de um novo mundo** árabe e islâmico.
Vale fazer uma comparação –tão recorrente- entre a velocidade da expansão islâmica e as invasões mongóis. Pois a primeira foi tão duradoura quanto a segunda, efêmera.
- A arabização
A expansão do Islã e a noção da criação de um novo mundo induz facilmente à idéia equivocada de língua e religião sendo adotadas automaticamente pelos milhares, pelos diferentes povos... num mundo que era agrário!
A difusão da língua às vezes precedeu a difusão da religião;

⁴ Henri Pirenne. *Maometto e Carlomagno*. Roma: Tascabili, 1997, p. 132.

⁵ H. Pirenne. *Op. Cit.*, p. 119.

690: início da arabização das terras conquistadas: : a) a arabização consciente e resultado de uma política estatal designada a “afirmar a nova ordem” (Abd al-Malik); b) a arabização decorrente da islamização.

“A primeira afirmação clara de permanência e distinção da nova ordem veio na década de 690, no reinado do califa ‘Abd al-Malik (685-705). Ao mesmo tempo em que se introduzia o árabe para fins administrativos, introduzia-se também um novo tipo de cunhagem de moeda, e isso foi importante, pois as moedas são símbolo de poder e identidade. Em lugar das moedas mostrando rostos humanos, que tinham sido adotadas pelos sassânidas ou cunhadas pelos omíadas em Damasco, cunharam-se novas, contendo apenas palavras que proclamavam em árabe a unicidade de Deus e a verdade da religião trazida por Seu mensageiro”. Para não mencionar os edifícios monumentais, “uma declaração pública de que a revelação feita através de Maomé à humanidade era a final e mais completa, e que seu reino ia durar para sempre”.⁶

As palavras no interior do Domo da Rocha foram a primeira materialização física conhecida de textos do Corão, afirmando a grandeza de Deus, “o Poderoso, o Sábio”. Construção esta que vinha mais uma vez afirmar a permanência do Islã, e seguida da construção de várias grandes mesquitas, destinadas a satisfazer as necessidades da prece ritual: em Damasco e Alepo, Medina e Jerusalém, e mais tarde em Kairuan (primeiro centro árabe no Magreb) e Córdoba, capital árabe da Espanha. Como diz Hourani, “esses edifícios eram símbolos não só do novo poder, mas do surgimento de uma comunidade nova e distinta”.

Se, por um lado, o árabe falado encontrou barreira no Irã, onde persistiria o uso da língua persa, como língua escrita, ele “não encontrou fronteiras dentro do mundo islâmico”. A primeira barreira séria à difusão do árabe ocorreu no século IX, “quando o persa começou a surgir numa forma islamizada como língua literária”. Mas em toda parte, inclusive no Irã, o árabe continuaria sendo a principal língua de doutrina legal e religiosa. De fato, a unidade e continuidade do árabe escrito foram preservadas pelo Corão, “o livro enviando do céu em língua árabe”.

A obrigatoriedade do uso do árabe na administração gerou o esforço para aprender a língua.

- A conversão

Após 100 anos... 10% nomes islâmicos;

Aceitação do Islã ocorria sem a necessidade de conversão;

Fatores que favoreceram a conversão;

População majoritariamente islâmica somente a partir do séc. X:

“Talvez fosse fácil para os árabes que já viviam na zona rural síria e iraquiana aceitar a nova fé, por solidariedade com os novos grupos governantes (embora parte de uma tribo, a de Ghassan, não o fizesse). Os funcionários que serviam a estes governantes podem ter aceito a fé por interesse próprio ou por uma atração natural ao poder; o mesmo se aplica aos prisioneiros feitos nas guerras de conquistas, ou aos soldados sassânidas que se juntaram aos árabes. É possível que os imigrantes nas novas cidades se convertessem para evitar os impostos especiais pagos pelos não muçulmanos. Os zoroastrianos, adeptos da antiga religião persa, podem ter achado mais fácil tornar-se muçulmanos que os cristãos, porque sua Igreja organizada se enfraquecera quando o domínio sassânida chegara ao fim. Alguns cristãos, porém, afetados pelas controvérsias sobre a natureza de Deus e a revelação, talvez se tenham sentido atraídos pela simplicidade da primeira resposta muçulmana a essas questões, dentro do que era, em termos gerais, o mesmo universo de pensamento. A ausência de uma Igreja muçulmana ou de um ritual elaborado tornava a conversão, feita com apenas umas poucas palavras, um processo fácil”.⁷ Havia, além disso, a atrativo do maior status social de que gozavam os árabes dentro do califado.

Além das tribos árabes que já estavam no Iraque e na Síria antes da conquista muçulmana, a maioria dos convertidos pode ter vindo ou das camadas inferiores da sociedade – por exemplo, soldados capturados em combate – ou de funcionários do governo sassânida que entravam a serviço dos novos governantes; não havia pressão ou incentivo positivo para que outros se convertessem.

⁶ A. Hourani. *Op. Cit.* p. 46.

⁷ *Idem*, p. 47.

A história da expansão do Islã, a essa altura se percebe claramente, não foi linear. Aquela passagem do Islã de “religião da elite dominante para a fé dominante da população urbana”, não foi nem tão rápida, nem uniforme, mas sim vasta e de amplo alcance.

O Califado Omíada

À medida que a área conquistada se ampliava, passou a ser **necessária uma forma mais elaborada de governo**, o que representou um desafio e um peso para Medina. Como diz Hourani, tudo o que estava surgindo era muito diferente de quando Mohammad e Abu-Bakr “compravam sua comida no mercado local, remendavam sua própria roupa, decidiam as questões de justiça e dinheiro nos quintais de suas casas”.

A autoridade dos conquistadores passou a ser exercida a partir dos **acampamentos militares** nos quais se alojavam os soldados árabes. Aos poucos, deram origem a novas cidades árabes, com o palácio do governador e o lugar de assembléia pública, a mesquita, no centro. Assim surgiram, por exemplo, os núcleos de **Basra e Kufa** no Iraque, **Fustat** no Egito (do qual surgiria depois o Cairo), e outros na fronteira norte do Curasão (Khorasan). Nota-se que na região da Síria-Palestina, a maioria dos acampamentos militares e centros de poder ficava em cidades já existentes.

Durante o governo do terceiro Califa, Uthman, o poder já começava a ser atraído para o norte, para as **terras mais ricas e populosas da Síria e do Iraque**, onde os governadores locais tentavam tornar o seu mando mais independente.

Uthman foi assassinado, e **Ali** ibn Abi Talib (656-61) foi o sucessor escolhido, em meio à primeira guerra civil - a chamada **primeira fitnah** (tentação). A escolha de Ali não foi unânime e o novo califa não conseguiu superar as tensões entre as partes nem apaziguar os conflitos. O califado encontrava-se em franca transformação. Tendo deixado Medina e estabelecido a capital em Kufah, Iraque, Ali viu-se mesmo assim desafiado pelo seu primo e governador da Síria, **Mu’awiyah (do clã dos omíadas)**, que aparentemente se revoltara com o fato de Ali não ter se dignado a vingar a morte de Uthman. No verão de 657, as tropas de Mu’awiyah enfrentaram aquelas de Ali no norte da Síria, em Siffin. Mas a questão não foi resolvida em batalha, e sim em negociações que foram perdidas por Ali na medida, principalmente, em que ele começou a perder sua já frágil base de apoio. As províncias, uma após a outra, passaram para o controle de Mu’awiyah e Ali foi assassinado em 661.

Portanto, o assassinato de Uthman em 656 abriu uma crise política e religiosa, que Ali não conseguiu controlar. Ela só cessaria com o advento de Mu`awuya em 660, inaugurando do califado omíada.

A Origem do Xiismo

Durante o califado do filho de Mu’awiyah, Yazid, ocorreu uma pequena rebelião que teria amplos alcances, na medida em que daria origem ao xiismo.⁸ **Husayn**, filho de Ali e Fátima, neto, portanto, do Profeta, **liderou uma rebelião** de um grupo de revoltosos **contra a nomeação de Yazid** e o estabelecimento da dinastia omíada. Partiram de Medina a Karbala, mas perderam muitas forças no caminho. Quando chegaram em Karbala, contavam apenas 72 homens, que enfrentaram e foram massacrados pelas tropas omíadas. O ano era **680 (61 H)**. **Husayn tornou-se mártir, juntamente com seu pai, Ali**, e toda uma camada de opositores do regime, juraram jamais reconhecer os omíadas como legítimos califas. Vieram a se chamar *Shi’at Ali* (o partido de Ali) de onde veio o nome xiitas ou xiismo. **A partir do Iraque, se expandiram pelo império**, desafiando sempre que possível o poder omíada. Formaram estados independentes, em oposição ao califado sunita, o primeiro dos quais foi o estado **Fatimida**, no Egito. A partir de aproximadamente **1500, os governantes da Pérsia seriam sempre xiitas**, que atualmente compõem a segunda maior corrente do Islã, após os sunitas.

Outra corrente importante do islamismo seria a kharidjita, surgida na mesma época, também em torno do problema de sucessão. A visão kharidjita era de que qualquer homem muçulmano podia se tornar califa, não importassem suas origens, nem tribais nem familiares, e que qualquer califa que pecasse poderia ser deposto e substituído por outro. Os kharidjitas se espalharam, principalmente entre os nômades da Arábia e Norte da África, e viriam a ser encontrados em

⁸ De maior impacto na época, foi a segunda guerra civil, a segunda *fitnah*, produto do choque entre as duas grandes confederações tribais (formadas na época das primeiras conquistas dos *rashidun*) envolvendo a maioria dos soldados Árabes: uma, do sul (incluía a tribo Kalb, de Yazid pelo lado da mãe), e a outra, do norte (incluía os rivais revoltados contra Yazid, a tribo dos Qays).

praticamente todos os movimentos de oposição ao califado. A idéia kharijita se manteve viva ao longo da história islâmica.

A Revolução Abácida

Havia 2 principais fontes de oposição ao califado omíada:

- os antigos muçulmanos, hostis a uma dinastia que viam como demasiadamente 'impiedosa';
- as dissidências islâmicas acima mencionadas.

Portanto, os partidários dos abácidas incluíam árabes e persas, 'sunitas' e xiitas, unidos nesse momento pelo desejo de substituir a **aristocracia tribal árabe omíada**, por uma forma de **governo mais igualitário, baseada nos princípios do Islã**.

Foi na Pérsia que se articulou a revolta, de cunho religioso, contra a suposta "degeneração moral" dos califas omíadas.

Seu líder, um obscuro al-Muslim, chamava a deposição do califa omíada, Marwan, em favor de al-Abbas, que por sua vez seria descendente do tio do Profeta.

A revolta liquidou a família omíada (salvo um que conseguiu escapar para a Espanha) e colocou no poder Abu al-Abbas (749-54).

A dinastia abácida recorreu à simbologia religiosa para justificar seu poder. Preocupavam-se em governar segundo o Corão e as regras de boa conduta, cada vez mais definidas em termos do comportamento do Profeta, a *sunna*.

Aumentou a influência dos especialistas religiosos na corte (**'ulama**, ou ulemás, os 'doutores da lei'), e o cargo de juiz (**cádi**), distinto daquele do governador, **vizir** (dedicado à política e finanças), ganhou maior importância (cabendo-lhe decidir conflitos e tomar decisões à luz do que aos poucos ia sedimentando-se como um sistema islâmico de leis ou normas sociais). Ao cádi cabia executar testamentos e velar pela moral pública; ele exercia sua função a partir da mesquita ou de sua própria casa, freqüentemente auxiliado pelo *mufti*, ou 'jurisconsulto'.

A revolução abácida é geralmente vista como um ponto de guinada na história islâmica. Segundo Hourani, no entanto, a derrota dos omíadas vinha reforçar **tendências já existentes**:

- a transferência do poder da Síria para o Iraque,
 - o crescimento da influência persa no lugar da síntese árabe-bizantina de Mu'awiyah e Abd al-Malik (outro grande califa de Damasco),
 - o esgotamento do desejo de conquistar todas as terras cristãs da Europa,
 - o interesse crescente em cultivar as artes e ciências.
- Mais do que isso, em última instância o que determinou a queda da dinastia não foi uma perda gradual de poder, mas o seu desabamento devido à proliferação, principalmente mais a leste, de movimentos de revolta, que irromperam em guerra civil na década de 740.

Mas tampouco os abácidas puderam escapar das revoltas de cunho religioso. Pelo contrário, elas se tornaram ainda mais freqüentes, provavelmente porque refletiam também as dificuldades econômicas que começavam a despontar, e o próprio descontentamento social, levando, em última instância, ao afrouxamento dos elos de união política do califado.

Se há um califa abácida a quem se faz menção à parte, é Mamun (813-833). Filho de Harun e uma concubina persa do seu harém, Mamun seria um importante patrocinador das artes e do conhecimento. Fundou o **Bayt al-Hikmah** (Casa da Sabedoria), que incluía várias escolas, observatórios de astronomia em Bagdá e Damasco, uma imensa biblioteca, infra-estrutura e incentivos para a tradução de obras de ciência e filosofia do grego, aramaico, e persa, ao árabe. No âmbito político, **Mamun tentou reintegrar o xiismo e impor, pela força do governo, uma única interpretação à fé. No seu fracasso, acabou por reforçar a disseminação da crença "numa unidade que inclui diferenças de opinião legal" -o que, segundo Hourani, foi aos poucos criando um modo de pensamento que veio a ser conhecido como sunismo (a partir de suna, a prática do Profeta).**

O Período dos Estados Autônomos

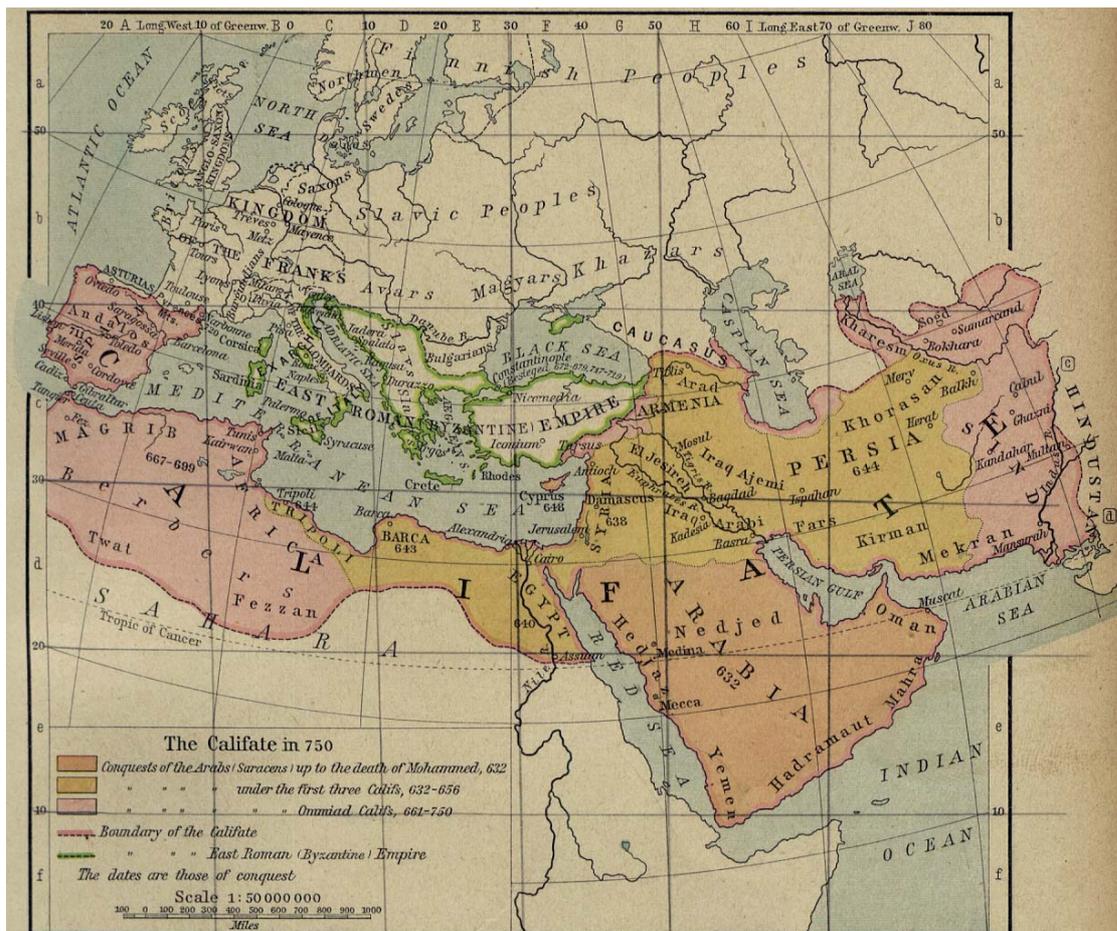
Com o passar do tempo, principalmente a partir de **945** (o fim do denominado Alto Califado), o aumento constante das secessões fizeram com que deixasse de haver, de fato, um governo unificado das terras do Islã. O Califado de Bagdá, que seguiria existindo formalmente até **1258**, mantinha um título que pouco significava para além de uma legitimidade formal no governo da *ummah*. Mas, na análise de Hourani, o declínio abácida teve menos importância do que se poderia imaginar. Na medida em que o califado entrava em declínio, outros tipos de liderança política emergiam, para manter e até aumentar o poder coletivo do mundo muçulmano. A partir do final do século X (4º século islâmico), já seria possível vislumbrar a existência real de uma cultura religiosa comum, expressa em árabe. Pela primeira vez, grande parte da população do

“MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO: HISTÓRIA E GEOPOLÍTICA”

império árabe era muçulmana: não apenas a população urbana, acredita-se que parte considerável da população rural deva ter se tornado islâmica nesse período. Essa foi, portanto, a origem de uma vasta esfera de interação; relações humanas forjadas pelo comércio, a migração e a peregrinação; pela movimentação de exércitos, mercadores, artesãos, estudiosos e peregrinos; uma verdadeira proliferação de idéias, estilos e técnicas, que levaram a que Hourani pudesse afirmar, com propriedade, que o desaparecimento de uma estrutura unitária de governo não foi um sinal de fraqueza social ou cultural - “a essa altura já se criara um mundo muçulmano, cimentado por muitas ligações, e com muitos centros de poder e alta cultura”.⁹

Omíadas e abácidas ficaram para a história como as duas grandes dinastias árabes, apesar de muitos de seus feitos serem conquistas de governadores, vezirs (*wazir* em árabe), para não mencionar a gente comum, mercadores e marinheiros, artesãos e camponeses. Durante o chamado Alto Califado (até 945 d.C.), as terras muçulmanas prosperaram devido às melhoras no sistema de irrigação dos rios e o incremento do comércio de longa distância.

As conquistas árabes uniram gente e povos de diversas religiões, culturas e idéias. Sem apagar as diferenças étnicas, elevou acima delas um senso de unidade na fé, na boa conduta, e uma concepção de justiça sobre a terra. O resultado foi um florescimento de criatividade artística e intelectual, expressa em língua árabe, o veículo por excelência da alta cultura dos homens dos séculos VIII-XII.



Cortesia da Universidade do Texas

"The Califate in 750." From The Historical Atlas by William R. Shepherd, 1926.

http://www.lib.utexas.edu/maps/historical/shepherd/califate_750.jpg

⁹ *Idem*. P. 61.



"MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO: HISTÓRIA E GEOPOLÍTICA"

BIBLIOGRAFIA:

Albert Hourani. Uma História dos Povos Árabes. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Pierre Amiet. As Civilizações Antigas do Médio Oriente. Lisboa: Saber, 1974.

Garelli e Nikiprowetzky. O Oriente Próximo Asiático: Impérios mesopotâmicos, Israel. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1982.

PALESTRANTE:

Prof^a Dra. Arlene Clemesha (USP) - Historiadora e Doutora pela Universidade de São Paulo, professora de Cultura Árabe no Curso de Árabe da USP, autora de livros e artigos sobre a Questão Palestina, tradutora de Edward Said e membro do ICarabe.